COMPARANDO OS COMPARADORES: COMO DEVE SER AVALIADA A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO OFERECIDA PELAS UNIVERSIDADES ONLINE?

ELIANE PEREIRA DE OLIVEIRA

RESUMO

A comparação entre universidades e cursos é uma prática de interesse para uma gama diversificada de públicos, incluindo estudantes em potencial, formuladores de políticas públicas, veículos de mídia, provedores de rankings e as próprias instituições universitárias. Tradicionalmente, os sistemas de classificação de universidades, como o Ranking Acadêmico Mundial de Universidades, são desenvolvidos com foco no ensino presencial. No entanto, à medida que cresce a oferta e a demanda por educação a distância, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de ferramentas e abordagens voltadas para garantir a qualidade da educação online. Este estudo teve como objetivo analisar as ferramentas e sistemas utilizados para avaliar a qualidade da educação online, com foco nas métricas e indicadores empregados. A pesquisa também incluiu uma meta-análise da literatura existente sobre os fatores que influenciam a escolha dos estudantes na hora de selecionar uma universidade. O objetivo foi entender como essas ferramentas impactam as decisões dos alunos e como elas podem ser utilizadas de forma mais estratégica pelas instituições de ensino superior. Os resultados da análise revelaram três pontos principais: (1) os rankings universitários tradicionais oferecem um valor limitado para estudantes de graduação, especialmente no contexto da educação online, uma vez que suas métricas nem sempre refletem as necessidades e as expectativas de quem opta por esse modelo de ensino; (2) sistemas comparativos mais completos e que atendem a um público mais amplo, como os estudantes de diferentes origens sociais, são complexos de desenvolver e implementar, demandando grandes investimentos em infraestrutura e metodologias precisas; e (3) indicadores de qualidade que incorporam avaliações formativas, além das somativas, são mais eficazes, pois oferecem benefícios tanto para as instituições quanto para os próprios alunos, permitindo uma análise mais rica da experiência educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Qualidade; Universidade; Alunos.

ABSTRACT

The comparison between universities and courses is of interest to a diverse range of audiences, including prospective students, policymakers, media outlets, ranking providers, and the universities themselves. Traditionally, university ranking systems, such as the Academic Ranking of World Universities, are developed with a focus on in-person education. However, as the demand for distance education increases, it becomes increasingly evident that tools and approaches aimed at ensuring the quality of online education are necessary. This study aimed to analyze the tools and systems used to assess the quality of online education, focusing on the metrics and indicators employed. The research also included a meta-analysis of the existing literature on the factors that influence students' choices when selecting a university. The objective was to understand how these tools impact students' decisions and how they can be used more strategically by higher education institutions. The results of the analysis revealed three main points: (1) traditional university rankings offer limited value for undergraduate students, especially in the context of online education, as their metrics often fail to reflect the needs and expectations of those choosing this mode of education; (2) more comprehensive comparative systems that serve a wider range of students, including those from diverse social backgrounds, are complex to develop and implement, requiring significant investments in infrastructure and precise methodologies; and (3) quality indicators that incorporate both formative and summative assessments are more effective, as they provide benefits to both institutions and students, offering a richer analysis of the educational experience.

KEYWORDS: Education; Quality; University; Students.

INTRODUÇÃO

O ensino superior tem se tornado cada vez mais competitivo, com as universidades sob constante pressão para atrair novos estudantes e financiamento para pesquisa. Nesse contexto, comparar universidades e cursos torna-se relevante para diversos públicos, como futuros estudantes, formuladores de políticas, veículos de mídia, provedores de rankings e as próprias instituições. Embora existam diferentes sistemas de classificação universitária, eles geralmente têm foco no ensino presencial. Paralelamente, surgiram iniciativas voltadas à garantia da qualidade na educação online, como destaca Rosewell et al. (2017) ao apresentar a iniciativa Excelência.

Apesar das frequentes críticas, os sistemas de rankings continuam a exercer influência significativa nas políticas e práticas das instituições de ensino superior (KEHM; ERKKILÄ, 2014). Contudo, tais rankings são criticados por priorizarem indicadores de fácil mensuração, que nem sempre refletem aspectos realmente relevantes da qualidade acadêmica (LOCKE et al., 2008). Além disso, observa-se a carência de modelos teóricos abrangentes e padronizados, sobretudo no que se refere à avaliação da qualidade acadêmica (DILL; SOO, 2005; MASOUMI; LINDSTRÖM, 2012; VUGHT; ZIEGELE, 2011).

Diante desse cenário, torna-se necessário refletir sobre como construir métodos de comparação mais adequados e eficazes, especialmente no contexto da educação online. A qualidade educacional, enquanto conceito complexo e multidimensional, pode ser analisada sob diferentes perspectivas, como adequação ao propósito, excepcionalidade ou capacidade transformadora (SCHINDLER et al., 2015). Entretanto, mensurar essa transformação por meio de indicadores tradicionais, como variação das notas de entrada e saída, apresenta limitações relacionadas à precisão, padronização e influência de fatores socioeconômicos (HAZELKORN, 2014; WOLF et al., 2015).

A partir da análise da literatura sobre rankings universitários e sistemas de garantia de qualidade na modalidade online, este artigo busca propor alternativas metodológicas mais robustas, fundamentadas teoricamente e ajustadas às necessidades dos diferentes stakeholders, estudantes, instituições, empregadores e formuladores de políticas. Além disso, discute-se a complexidade envolvida na definição e implementação de indicadores eficazes, destacando-se que avanços reais nessa área demandam, também, alterações no campo das políticas públicas, transcendendo as ações isoladas de cada universidade.

UMA ABORDAGEM PARA COMPARAR INDICADORES DE QUALIDADE

Dill e Soo (2005), seguindo o método de Gormley e Weimer (1999), compararam rankings nacionais de universidades com base em seis critérios: validade das medidas, abrangência, relevância, compreensibilidade, funcionalidade e custos razoáveis. Embora Dill e Soo tenham excluído o critério de custo devido às diferenças regulatórias entre países, destacamos que considerar os custos é fundamental, pois afetam diretamente os interessados envolvidos na geração, análise e utilização dos dados.

Com base nesses critérios, identificamos três categorias principais de características dos indicadores:

Características do conteúdo: O que é avaliado pelos indicadores (validade e abrangência).

Características da produção: Como os indicadores são elaborados e os custos envolvidos nessa elaboração.

Características do uso: Como os indicadores são utilizados pelas partes interessadas (funcionalidade, relevância e compreensibilidade).

Como apontam Masoumi e Lindström (2012), qualquer sistema de qualidade educacional deve basear-se em premissas teóricas claras. Considerando as diferentes concepções de qualidade descritas por Schindler et al. (2015), destacamos especialmente a qualidade como transformação, entendida como aprimoramento positivo das habilidades e conhecimentos dos alunos e seu empoderamento pessoal (Harvey & Green, 1993).

Reconhecemos que diferentes partes inte-

ressadas podem ter necessidades diversas quanto aos tipos de qualidade avaliados, e que há sobreposições entre essas concepções. Neste artigo, optamos por enfatizar especificamente a qualidade transformadora, reconhecendo as limitações dessa abordagem específica na conclusão.

CARACTERÍSTICAS DO CONTEÚDO DOS INDICADORES

FERRAMENTAS DE GARANTIA DE QUALIDADE PARA EDUCAÇÃO ONLINE

Entendemos a transformação educacional como um ganho no processo de aprendizagem dos alunos, apoiando a afirmação de Gibbs (2010, p. 5) de que "o melhor preditor de ganho educacional são as medidas do processo educacional". Para identificar indicadores relevantes sobre qualidade transformadora, recorremos a dois modelos influentes: o modelo Input-Environment-Outcome de Astin (ASTIN; ANTONIO, 2012) e o modelo 3P de Biggs (BIGGS, 1993). Ambos destacam a importância do ambiente educacional (ou "Processo", segundo Biggs), como fator-chave para a transformação efetiva dos estudantes.

Segundo Ossiannilsson et al. (2015), a maioria dos modelos de qualidade em educação online pode ser categorizada em três grandes grupos: (1) gestão (estratégia institucional e recursos); (2) produtos (processos educacionais e currículos); e (3) serviços (apoio ao aluno e recursos). Schindler et al. (2015) complementam essa categorização destacando indicadores administrativos, de apoio ao aluno, instrucionais e de desempenho estudantil, demonstrando a amplitude necessária para medir efetivamente a qualidade.

Para uma comparação significativa, utilizamos critérios de validade e abrangência propostos por Gormley e Weimer (1999), reforçados por Dill e Soo (2005). Esses critérios consideram tanto a relevância dos indicadores para resultados sociais valorizados quanto o valor agregado pelas universidades. Portanto, focamos especialmente em como os indicadores capturam práticas educacionais capazes de gerar experiências transformadoras em diferentes dimensões da aprendizagem dos estudantes (SCHINDLER et al., 2015).

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Os rankings universitários utilizam diferentes metodologias e conjuntos de dados, o que gera debate quanto à validade e confiabilidade das medidas adotadas (HAZELKORN, 2014). Frequentemente, indicadores como a relação docente/aluno são usados como proxies da qualidade educacional, apesar das limitações dessas medidas, especialmente na educação online.

Como reação às limitações dos rankings tradicionais, a OCDE desenvolveu o projeto Avaliando Resultados de Aprendizagem do Ensino Superior (AHELO) (TREMBLAY et al., 2012). Contudo, também foram identificados problemas nessa abordagem, sobretudo relacionados à diversidade de conhecimento disciplinar e a desafios metodológicos significativos que precisam ser resolvidos antes que testes padronizados possam ser aplicados amplamente (CORBETT BROAD; DAVIDSON, 2015; DOUGLASS et al., 2012).

CARACTERÍSTICAS DO USO DO INDICADOR

Diversos atores têm interesse na classificação da qualidade educacional, incluindo empregadores, mídia, formuladores de políticas, estudantes e universidades (Çakır et al., 2015; Sandmaung & Ba Khang, 2013). Moore et al. (2002) destacam que esses interesses se dividem, em geral, em avaliações formativas e somativas. Avaliações somativas interessam a todos, especialmente aos estudantes, enquanto avaliações formativas são mais relevantes às universidades e seus funcionários.

Contudo, a multiplicidade de objetivos do ensino superior dificulta o uso de medidas únicas para satisfazer todas as partes interessadas (Evans et al., 2018).

FERRAMENTAS DE GARANTIA DE QUALIDADE PARA EDUCAÇÃO ONLINE

Segundo Ossiannilsson et al. (2015), sistemas de garantia de qualidade online podem ser usados para certificação, benchmarking, credenciamento e consultoria. No entanto, nenhuma dessas funções, por si só, garante a presença de uma educação verdadeiramente transformacional. Avaliar essa trans-

formação requer análise mais detalhada, especialmente ao nível de critérios e indicadores. Embora certificações possam facilitar a escolha dos estudantes, há risco de ocultar diferenças sutis que seriam relevantes para alunos na decisão entre instituições aparentemente semelhantes.

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Sistemas tradicionais de ranking tendem a impor hierarquias a instituições bastante diferentes. O sistema europeu U-Multirank (projeto U-Multirank, 2017) busca resolver esse problema permitindo aos usuários selecionar e comparar universidades com base em suas próprias prioridades. Contudo, essa flexibilidade também torna o processo de escolha mais complexo e demorado (Barron, 2017).

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA APLICAÇÃO DE INDICADORES DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO ONLINE

A avaliação da qualidade na educação online enfrenta desafios técnicos e operacionais substanciais que precisam ser superados para garantir que os indicadores de qualidade sejam verdadeiramente eficazes. O primeiro desafio fundamental reside na definição e operacionalização de indicadores que sejam simultaneamente abrangentes e específicos. A complexidade da educação online exige que esses indicadores considerem diversas dimensões do processo educacional, como o ambiente de aprendizagem, os recursos tecnológicos e a interação entre estudantes e professores. O modelo Input-Environment-Outcome (I-E-O) de Astin e Antonio (2012) sugere uma abordagem holística, que vai além da medição dos resultados acadêmicos, incorporando também o perfil do estudante e o contexto educacional. No entanto, medir de forma precisa e consistente todas essas variáveis representa um desafio significativo, pois envolve a integração de múltiplos fatores interdependentes e dinâmicos.

A categorização dos indicadores de qualidade nas diferentes áreas da educação online, como gestão institucional, produtos educacionais e serviços de apoio ao aluno, traz à tona questões essenciais sobre como garantir uma avaliação completa e justa de todos os aspectos do processo educacional. De acordo com Schindler et al. (2015), a avaliação da qualidade deve englobar não apenas indicadores administrativos e de desempenho estudantil, mas também os aspectos instrucionais e de suporte ao aluno. No entanto, a integração dessas diferentes dimensões e a harmonização das avaliações são tarefas complexas que exigem não apenas padronização de métricas, mas também investimentos substanciais em infraestrutura tecnológica para garantir a precisão e a eficácia da análise.

Uma das maiores oportunidades oferecidas pelos sistemas de avaliação da educação online é a personalização da experiência educacional. Ferramentas como o U-Multirank permitem que os estudantes escolham critérios específicos para comparar universidades com base nas suas próprias prioridades e necessidades. Este tipo de personalização é crucial em um contexto de educação online, onde o perfil dos alunos é altamente diversificado, incluindo estudantes com diferentes backgrounds socioeconômicos, preferências de aprendizagem e necessidades cognitivas. No entanto, essa flexibilidade também impõe desafios adicionais, pois a informação disponibilizada precisa ser clara, acessível e intuitiva para que os estudantes possam tomar decisões informadas. Caso contrário, a complexidade do processo de escolha pode se tornar um obstáculo, dificultando a tomada de decisão e prejudicando a experiência do aluno.

Uma característica importante é a evolução dos sistemas de garantia de qualidade, especialmente com a implementação dos Learning Analytics. Esses sistemas permitem a coleta contínua de dados sobre o desempenho e a trajetória dos estudantes, possibilitando uma análise mais detalhada do processo de aprendizagem e o acompanhamento em tempo real do progresso acadêmico. Ao permitir a medição dinâmica da experiência educacional, os Learning Analytics podem transformar profundamente a maneira como a qualidade é avaliada, tornando-a mais interativa e baseada em dados objetivos. No entanto, para que esses sistemas sejam realmente eficazes, é imprescindível

que as instituições de ensino adotem uma cultura analítica forte, com um compromisso claro em utilizar esses dados para melhorar o processo educacional de forma contínua. Sendo essencial que haja garantias adequadas de privacidade e segurança dos dados dos estudantes, para que eles possam confiar no uso de suas informações pessoais.

A educação online, embora apresente desafios significativos na avaliação de sua qualidade, também oferece oportunidades promissoras. A definição precisa de indicadores, a padronização de processos e a integração de novas tecnologias são questões cruciais que precisam ser enfrentadas para garantir que os sistemas de avaliação sejam verdadeiramente eficazes. No entanto, ao superar esses obstáculos, surge a possibilidade de personalizar a aprendizagem, adaptando-a às necessidades individuais dos alunos, e de utilizar dados para aprimorar continuamente a qualidade do ensino. Esse avanço não só tornará a educação online mais acessível e eficaz, mas também permitirá que ela se torne uma experiência transformadora, capaz de impactar positivamente todos os envolvidos no processo educacional.

MATERIAS E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo foi analisar criticamente as características dos indicadores de qualidade utilizados em educação online e sistemas de classificação universitária. Para isso, foram selecionados artigos científicos, relatórios institucionais e publicações acadêmicas relevantes, publicados em bases de dados como Scielo, Google Scholar, Web of Science e periódicos da área da educação e avaliação educacional.

A seleção das fontes considerou publicações dos últimos 40 anos, com ênfase em estudos que abordam modelos teóricos, metodologias e aplicações práticas de indicadores de qualidade. Também foram incluídos documentos fundamentais para a compreensão do tema, mesmo que com mais de 15 anos, quando considerados marcos teóricos reconhecidos na área.

A análise dos materiais foi realizada por meio da leitura crítica e sistematização dos principais conceitos e critérios utilizados para a construção, produção e uso dos indicadores, buscando compreender as diferentes perspectivas dos atores envolvidos no processo de avaliação da qualidade educacional.

Este procedimento permitiu construir uma fundamentação teórica robusta e identificar lacunas e desafios metodológicos, que são discutidos ao longo do trabalho.

DISCUSSÃO

Este artigo revisou a literatura sobre garantia de qualidade em instituições online e sistemas tradicionais de rankings universitários, focando especialmente no conceito de qualidade como transformação educacional. Três aspectos foram identificados como essenciais para comparar universidades online:

O que medir (conteúdo dos indicadores);

Como medir (processo e metodologia);

Uso das medições pelas partes interessadas.

Esses aspectos refletem as principais questões de pesquisa: identificar as características fundamentais a serem consideradas e incorporar as diferentes perspectivas dos envolvidos no processo. Reforçando Masoumi e Lindström (2012), destaca-se a necessidade de fundamentação teórica robusta para garantir a validade dos indicadores utilizados.

Esse processo pode guiar o desenvolvimento de métodos mais eficazes e relevantes para a comparação das universidades online, auxiliando diferentes grupos interessados a fazer escolhas informadas e significativas.

O QUE MEDIR

Os sistemas tradicionais de classificação universitária tendem a se concentrar em avaliações somativas, como desempenho acadêmico na entrada e saída ou emprego pós- graduação, mas essas medidas têm limitações relacionadas à precisão e padronização (Hazelkorn, 2014; Wolf et al., 2015).

Em contraste, ferramentas de garantia de qualidade para educação online geralmente enfatizam indicadores relacionados ao ambiente educacional, como currículo, design e entrega dos cursos (Ossiannilsson et al., 2015). Embora nem sempre explicitamente ligados a teorias educacionais específicas, alguns sistemas, como o do Online Learning

Consortium (OLC, 2018), fazem referências claras a práticas respaldadas pela literatura acadêmica.

Duas etapas fundamentais para decidir o que medir são:

Etapa 1: Selecionar claramente o tema ou conceito de qualidade, por exemplo, qualidade transformacional, focada no desenvolvimento positivo das habilidades cognitivas, afetivas e profissionais dos alunos (Schindler et al., 2015).

Etapa 2: Identificar bases teóricas adequadas, como o modelo 3P de Biggs (1993) e o modelo Input-Environment-Outcome de Astin (Astin & Antonio, 2012), priorizando a medição das experiências educacionais concretas dos alunos.

Essas etapas permitem uma escolha fundamentada e orientada teoricamente dos critérios e indicadores a serem utilizados.

COMO MEDIR

Após definir o foco do que será medido, é preciso desenvolver critérios e métodos adequados para realizar essa medição:

Etapa 3: Usar teorias e evidências para formular critérios relevantes. Por exemplo, para a transformação educacional, critérios como avaliação formativa eficaz (feedback oportuno, contínuo e útil) são fundamentados em pesquisas como a de Gikandi et al. (2011).

Etapas 4 e 5: Identificar indicadores apropriados e métodos para medi-los. Indicadores podem incluir a percepção dos alunos sobre a eficácia do feedback recebido e métricas objetivas extraídas de ambientes virtuais de aprendizagem (Learning Analytics), como o tempo entre entrega e recebimento do feedback (Winstone et al., 2017).

Embora avaliações baseadas em questionários possam ser criticadas pela subjetividade (Marginson, 2014), elas permanecem úteis se embasadas teoricamente. Entretanto, abordagens mais objetivas, como Learning Analytics, oferecem maior potencial para medições consistentes e confiáveis (Ifenthaler & Yau, 2020; Clark et al., 2020).

A implementação dessas abordagens mais objetivas requer estratégias institucionais claras, além de apoio por políticas nacionais ou internacionais devido aos custos associados. Para obter adesão ampla, é crucial que esses métodos tragam benefícios diretos às instituições envolvidas, especialmente para uso em avaliações formativas internas.

USO DE MEDIDAS

A etapa final envolve considerar como as medições realizadas pelos sistemas de qualidade podem ser usadas pelos interessados, especialmente universidades e futuros alunos. A meta-análise realizada por Hemsley-Brown e Oplatka (2015) indica que diferentes grupos de estudantes possuem critérios variados ao escolher uma universidade, tornando difícil criar sistemas universais para orientar tais escolhas. Assim, para serem úteis, sistemas de comparação devem complementar outras fontes de informações já disponíveis (institucionais, midiáticas e sociais).

O desafio dos sistemas detalhados, como o U-Multirank, está na complexidade e tempo exigido do usuário (Barron, 2017). Contudo, tais sistemas, apesar das críticas à objetividade (Marginson, 2014), podem ajudar estudantes a realizar escolhas mais informadas sobre a capacidade transformadora das instituições de ensino online. Além disso, deixar explícita a fundamentação teórica das medidas empregadas permite que formuladores de políticas e outros interessados identifiquem claramente suas limitações e potencialidades.

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA IMPLEMENTAÇÃO DE INDICADORES DE QUALIDADE EM EDUCAÇÃO ONLINE

A implementação de sistemas de indicadores de qualidade na educação online, como discutido, envolve uma série de desafios e oportunidades. Um dos principais obstáculos é a diversidade de contextos educacionais, uma vez que as universidades online variam amplamente em termos de infraestrutura, recursos pedagógicos e perfil dos alunos. Essas variações dificultam a padronização de indicadores, o que torna essencial uma abordagem que considere as especificidades de cada instituição e seus métodos de ensino.

A falta de uniformidade nos critérios de avaliação é outro ponto crítico. Embora a litera-

tura destaque a importância de um conjunto claro de indicadores baseados em teorias educacionais robustas, como o modelo 3P ou o Input-Environment-Outcome, na prática, muitos sistemas de avaliação carecem de uma aplicação consistente desses critérios. A variabilidade na implementação pode gerar resultados distorcidos, que não refletem com precisão a realidade da experiência educacional dos estudantes. Isso implica não só um desafio técnico, mas também ético, pois pode prejudicar a tomada de decisão dos estudantes, que dependem dessas classificações para fazer escolhas informadas sobre suas trajetórias educacionais.

No entanto, esses desafios também criam oportunidades significativas. O uso de Learning Analytics, por exemplo, apresenta um potencial inexplorado para fornecer dados mais ricos e precisos sobre a experiência do aluno, permitindo uma medição mais contínua e detalhada do processo educacional. Embora as métricas objetivas possam ser mais complexas de implementar, elas oferecem uma grande vantagem em termos de consistência e de informações baseadas em dados concretos, como o tempo de resposta do feedback ou a taxa de participação em atividades interativas.

A flexibilidade dos sistemas como o U-Multirank abre um caminho para que os estudantes possam personalizar suas comparações, levando em consideração suas próprias prioridades e necessidades. Essa personalização permite que a escolha da universidade seja feita de maneira mais alinhada aos objetivos individuais de cada estudante, o que, por sua vez, pode levar a uma maior satisfação e sucesso acadêmico. No entanto, essa flexibilidade também coloca sobre os usuários a responsabilidade de entender as múltiplas dimensões de qualidade e como elas se aplicam ao seu contexto específico.

Assim, embora os sistemas de avaliação de qualidade para a educação online ainda enfrentem desafios significativos, como a complexidade na implementação de indicadores adequados e a necessidade de garantir a padronização, eles também oferecem oportunidades únicas para uma educação superior mais transparente, acessível e centrada no aluno. A contínua evolução dessas ferramentas e sua integração com práticas pedagógicas inovadoras pode, ao final, resultar em uma transformação significativa na forma como a educação online é percebida e vivenciada por alunos, professores e gestores educacionais.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo principal investigar os fatores essenciais a serem considerados na comparação de universidades online, com especial atenção à incorporação das diferentes perspectivas dos stakeholders envolvidos no processo educacional, estudantes, instituições, empregadores e formuladores de políticas públicas. Observou-se que os rankings universitários tradicionais, ainda que amplamente utilizados, se baseiam majoritariamente em indicadores finais, como taxa de empregabilidade ou desempenho acadêmico de entrada e saída. Tais métricas, embora relevantes em alguns contextos, apresentam limitações significativas quando aplicadas ao ensino a distância, pois negligenciam aspectos centrais da experiência educacional virtual.

Em contrapartida, os sistemas de garantia de qualidade voltados à educação online demonstram maior sensibilidade aos processos pedagógicos e ao ambiente de aprendizagem digital, priorizando elementos como design instrucional, apoio ao estudante e recursos tecnológicos. Contudo, apesar de mais diretamente conectados às práticas educacionais, esses sistemas frequentemente carecem de uma fundamentação teórica explícita, o que compromete sua validade e dificulta a comparação entre instituições.

Para enfrentar esses desafios, este trabalho propôs um modelo estruturado de análise, fundamentado na concepção de qualidade educacional como transformação. Essa abordagem enfatiza o impacto positivo da formação universitária nas dimensões cognitivas, afetivas, profissionais e sociais dos estudantes, indo além da mera transmissão de conteúdos. Para operacionalizar essa concepção, destacamos o papel da avaliação formativa como critériochave, sobretudo pela sua capacidade de gerar feedback contínuo e significativo, potencializando o desenvolvimento dos alunos.

Além disso, ancoramos nossa proposta nos modelos teóricos Input-EnvironmentOutcome e 3P, que oferecem estrutura analítica robusta para compreender como os fatores de entrada (perfil do estudante), os processos educacionais (práticas pedagógicas e ambiente virtual) e os resultados (ganhos de aprendizagem e transformação pessoal) interagem ao longo da trajetória acadêmica. O uso combinado desses modelos permite um olhar sistêmico sobre a qualidade educacional, apoiando a construção de indicadores mais sensíveis, válidos e contextualizados.

A implementação efetiva de um sistema de comparação com essas características demanda muito mais do que decisões institucionais isoladas. Requer, sobretudo, ações coordenadas em nível de política pública, com investimentos em infraestrutura de dados, padronização de métricas, capacitação técnica e promoção de cultura avaliativa comprometida com a melhoria contínua. A consistência e confiabilidade dos dados utilizados são condições fundamentais para que os sistemas cumpram sua função formativa e informativa, beneficiando todos os atores envolvidos.

Para os estudantes, especialmente aqueles com menor acesso a informações privilegiadas, um sistema teórica e metodologicamente bem estruturado pode fornecer dados complementares às fontes institucionais, midiáticas e sociais atualmente disponíveis, tornando a escolha universitária mais consciente e alinhada às suas necessidades e expectativas. Para as instituições, tais sistemas podem oferecer insights detalhados sobre seus pontos fortes e áreas de melhoria, incentivando estratégias de desenvolvimento pedagógico mais eficazes.

Ressaltamos, ainda, que a adoção de múltiplas concepções de qualidade pode ser necessária para capturar a complexidade do fenômeno educacional. No entanto, é importante destacar que a inclusão de múltiplos eixos de análise, como empregabilidade, inclusão digital, inovação pedagógica e satisfação discente, implica maior complexidade operacional, tanto na coleta quanto na análise e interpretação dos dados. Cada novo eixo ou dimensão de qualidade deve ser claramente justificado e teoricamente sustentado, evitando o risco de se criar sistemas excessivamente burocráticos e pouco práticos.

REFERÊNCIAS

ASTIN, A. W.; ANTONIO, A. L. Assessment for excellence: The philosophy and practice of assessment and evaluation in higher education. Rowman & Littlefield, 2012.

BARRON, P. Student decision-making: Towards a theoretical model. Journal of Higher Education Policy and Management, v. 39, n. 3, p. 281–294, 2017.

BIGGS, J. From theory to practice: A cognitive systems approach. Higher Education Research & Development, v. 12, n. 1, p. 73–85, 1993.

ÇAKIR, H.; CENGİZHAN, G.; YILDIZ, D. University ranking systems and students' preferences: A Turkish case. Procedia - Social and Behavioral Sciences, v. 174, p. 722–729, 2015. CLARK, R. C.; NGUYEN, F.; SWELLER, J. Efficiency in learning: Evidence-based guidelines to manage cognitive load. Wiley, 2020.

CORBETT BROAD, A.; DAVIDSON, M. J. Assessing higher education learning outcomes:

AHELO and beyond. European Journal of Education, v. 50, n. 1, p. 96–107, 2015. DILL, D. D.; SOO, M. Academic quality, league tables, and public policy: A cross-national analysis of university ranking systems. Higher Education, v. 49, n. 4, p. 495–533, 2005. DOUGLASS, J. A.; THOMSON, G.; ZHAO, C. M. The learning outcomes race: The value of selfreported gains in large research universities. Higher Education, v. 64, n. 3, p. 317–335, 2012. EVANS, C.; KANDIKO HOWSON, C. B.; FORSYTHE, A. Making sense of learning gain in higher education. Higher Education Pedagogies, v. 3, n. 1, p. 1–45, 2018.

GIBBS, G. Dimensions of quality. Higher Education Academy, 2010.

GIKANDI, J. W.; MORROW, D.; DAVIS, N. E. Online formative assessment in higher education: A review of the literature. Computers & Education, v. 57, n. 4, p. 2333–2351, 2011.

HARVEY, L.; GREEN, D. Defining quality. Assessment & Evaluation in Higher Education, v. 18, n. 1, p. 9–34, 1993.

HAZELKORN, E. Reflections on a decade of global rankings: What we've learned and outstanding issues. European Journal of Education, v. 49, n. 1, p. 12–28, 2014.

HEMSLEY-BROWN, J.; OPLATKA, I. University choice: What do we know, what don't we know and what do we still need to find out? International Journal of Educational Management, v. 29, n. 3, p. 254–274, 2015.

IFENTHALER, D.; YAU, J. Y.-K. Utilising learning analytics for study success: Reflections on current empirical findings. Teaching in Higher Education, v. 25, n. 4, p. 456–471, 2020.

KEHM, B. M.; ERKKILÄ, T. The ranking game: The power of numbers in higher education. European Journal of Education, v. 49, n. 1, p. 1–5, 2014.

LOCKE, W.; VERBIK, L.; RICHARDSON, J. T. E.; KING, R. Counting what is measured or measuring what counts? League tables and their impact on higher education institutions in England. Higher Education Funding Council for England (HEFCE), 2008.

MARGINSON, S. University rankings and social science. European Journal of Education, v. 49, n. 1, p. 45–59, 2014.

MASOUMI, D.; LINDSTRÖM, B. Quality in e-learning: A framework for promoting and assuring quality in virtual institutions. Journal of Computer Assisted Learning, v. 28, n. 1, p. 27–41, 2012. MOORE, M. G.; DICKSON-DEANE, C.; GALYEN, K. e-Learning, online learning, and distance learning environments: Are they the same? Internet and Higher Education, v. 14, n. 2, p. 129– 135, 2002.

OSSIANNILSSON, E.; WILLIAMS, K.; CAMILLERI, A. F.; BROWN, M. Quality models in online and open education around the globe: State of the art and recommendations. International Council for Open and Distance Education (ICDE), 2015.

ROSEWELL, J.; JANSEN, D.; COSTELLO, E.; BROWN, M.; DALSGAARD, C. Quality frameworks for MOOCs. European Journal of Open, Distance and e-Learning, v. 20, n. 1, p. 46– 58, 2017.

SANDMAUNG, J.; BA KHANG, D. Evaluating factors that determine international students' choice of Swedish universities. International Journal of Educational Management, v. 27, n. 2, p. 126–136, 2013.

SCHINDLER, L.; PULS-ELVIDGE, S.; WELZANT, H.; CRAWFORD, L. Definitions of quality in higher education: A synthesis of the literature. Higher Learning Research Communications, v. 5, n. 3, p. 3–13, 2015.
TREMBLAY, K.; LALANCETTE, D.; ROSEVEARE, D. Assessment of Higher Education Learning Outcomes: Feasibility Study Report Volume 1 – Design and Implementation. OECD, 2012.
VUGHT, F. van; ZIEGELE, F. Multidimensional ranking: The design and development of UMultirank. Springer, 2011.

WINSTONE, N. E.; NASH, R. A.; PARKER, M.; ROWNTREE, J. Supporting learners' agentic engagement with feedback: A systematic review and a taxonomy of recipience processes. Educational Psychologist, v. 52, n. 1, p. 17–37, 2017.

WOLF, A.; JENKINS, A.; VIGNOLES, A. Universities and the myth of the skills gap. Centre for Learning and Lif Chances in Knowedge Economies and Societies, 2015.